

---

# CRIANÇAS E SUAS MÃES: O OLHAR ENQUANTO MODALIDADE COMUNICATIVA ENTRE MÃE E FILHO\*

Maria Luisa Guillaumon Emmel\*\*

EMMEL, M. L. G. Crianças e suas mães: o olhar enquanto modalidade comunicativa entre mãe e filho. *Terapia Ocupacional*, v.2, n.2/3, p.78-85, 1991.

## RESUMO

---

Este trabalho teve por objetivo realizar um estudo comparativo da interação não-verbal entre mãe e filho, com sujeitos normais e com Síndrome de Down. A modalidade comunicativa escolhida foi o Olhar. Cinco crianças normais e cinco mongolóides com idade mental variando entre 12 e 30 meses, compuseram a amostra de sujeitos. Os sinais comunicativos das díades e o grau de responsividade dos membros a eles foram estudados a partir de suas situações de brincadeiras estruturadas, compostas por: um conjunto de cubos de madeira (situação I) e um conjunto de móveis de boneca para os sujeitos do sexo feminino e uma miniatura de posto de gasolina para os sujeitos do sexo masculino (situação II). Os resultados mostraram uma maior independência no desempenho por parte dos sujeitos do grupo CN. Os do grupo SD, além de requisitarem mais ajudas de suas mães, não conseguiram se envolver tanto na situação II como as crianças do grupo CN. As mães de SD, por sua vez, estabeleceram contato com seus filhos bem antes do que as mães do grupo CN. Constatou-se ainda que a mudança de situação determinou alterações no desempenho dos dois grupos.

## DESCRITORES

---

COMPORTAMENTO. PSICOLOGIA DA CRIANÇA. SÍNDROME DE DOWN, psicologia.  
ESTUDO COMPARATIVO

A interação mãe-filho nos primeiros anos de vida tem sido apontada como particularmente importante para o desenvolvimento do repertório da criança, uma vez que é a mãe quem, em geral, provê muitos dos estímulos relevantes para a organização ini-

cial do seu mundo.

Investigando as interações mãe-criança durante o primeiro ano de vida, Spitz (1972) salientou a importância da figura materna durante este período da vida. Segundo ele,

---

\* Este trabalho faz parte da Dissertação de Mestrado da autora, defendida em 1984.

\*\* Terapeuta Ocupacional. Professora Doutora em Psicologia Escolar, docente do curso de terapia ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. Via Washington Luiz, km 235 – São Carlos – 13560 – Cx. Postal 676 – SP

desde muito cedo já se estabelece entre mãe e filho um sistema de comunicação que abre as possibilidades para o desenvolvimento no primeiro ano de vida. É já nessa época precoce da vida que se verifica a influência da responsividade das mães e/ou pessoas próximas aos sinais emitidos pela criança no desenvolvimento da comunicação.

Richards e Bernal (1971) observaram que a situação de interação mãe-filho permite estimulação mútua. Não é só o comportamento da criança que se modifica. A criança controla e modifica o comportamento da mãe, através, por exemplo, do olhar, do sorriso, do choro, da vocalização, dos gestos. A modificação do comportamento da mãe, por sua vez, contribui para que a criança adquira novos padrões de respostas.

É então nesse complexo sistema de comunicação, caracterizado por sinais verbais e não-verbais, que se estabelecem e se desenvolvem as relações entre mãe e filho durante os primeiros anos de vida. As interações não verbais, como o contato corporal, o sorriso e o olhar parecem ser mais utilizados pelas crianças até os quatro anos de idade, quando a linguagem oral ainda não se tornou a forma predominante de comunicação.

Alguns estudos ilustram estas constatações. Schaffer e col. (1975) estudaram as interrelações entre as trocas vocais e as trocas visuais com crianças verbais e pré-verbais e suas mães, enfocando, em sua investigação, a análise da sincronia interpessoal nos comportamentos da mãe e da criança. Trabalhou com dois grupos de idades: um deles com crianças de 13,5 meses e outro com idade média de 24,5 meses. Baseando-se em análises de vídeo-tape, estudou frequência e duração média de olhares entre os dois grupos de crianças. As crianças do grupo de dois anos apresentaram uma frequência de olhares para as suas mães muito mais elevada que as crianças pequenas. A duração média do olhar não foi muito diferente para ambos os grupos, permanecendo entre 1,33 e 1,39 segundos para o

grupo mais novo e o mais velho, respectivamente. Com o aumento da idade, a natureza da sincronia interpessoal mudou drasticamente, começando a aumentar e a tornar-se cada vez mais complexa.

Vários outros estudos têm buscado a compreensão desses sinais. Field e Pawlby (1980) investigaram similaridades e diferenças nos comportamentos interativos precoces entre mãe e filho com sujeitos que provinham de cultura cuja linguagem, padrões comunicativos e estilos de vida eram similares: díades mãe-criança inglesas e americanas da classe média e trabalhadora. Esse estudo envolveu micro-análises comparativas de filmes de duração de seis minutos nas interações face-a-face de mãe e criança brincando. Os comportamentos analisados para a mãe foram: olhar, sorrir, tocar, acariciar e brincar; e para as crianças, olhar, sorrir e brincar. As conclusões desse estudo evidenciaram que as mães da classe média gastaram um tempo consideravelmente maior em interações mantidas à distância (denominadas, pelos autores, de interações distais) do que as mães da classe trabalhadora. Apresentaram também uma maior frequência no "olhar para" e "sorrir para" seu filho. Todavia, não houve diferenças significativas no tempo total em interações distais pelas culturas inglesa e americana.

Os estudos acerca dos sinais não-vocais que crianças com atraso no desenvolvimento da linguagem estão enviando ao se comunicarem parecem ainda bastante escassos.

Berger e Cunningham (1981) estudaram o contato olho-a-olho entre crianças normais e com Síndrome de Down e suas mães durante os seis primeiros meses de vida. Oito pares mãe-criança normais e oito pares mãe-criança com Síndrome de Down foram os sujeitos do experimento. Todas as observações foram conduzidas nas casas das crianças através da observação direta. Os autores enfocaram nesse estudo duas condições distintas: durante as interações naturais face-a-face (chamadas de condição móvel) e quando as mães estavam em silêncio e

suas faces imóveis (condição imóvel). Na condição móvel, as crianças mostraram o dobro de contatos por olhar, com o primeiro pico ocorrendo perto da sétima semana e o segundo perto da décima quarta semana de vida. As crianças com Síndrome de Down mantiveram por mais tempo do que as crianças normais, altos níveis e longos períodos de contato através do olhar.

Esses dados, somados às observações assistemáticas extraídas da experiência clínica da autora, levaram à realização deste trabalho, que tem por objetivo focalizar a interação mãe-criança através do olhar, com crianças normais e portadoras de Síndrome de Down, descrevendo os padrões interativos predominantes, os sinais comunicativos das díades e o grau de responsividade dos membros a eles.

### Método

**Sujeitos:** a amostra de sujeitos deste estudo foi composta por dez crianças, distribuídas em dois grupos: cinco crianças portadoras de Síndrome de Down, com idade cronológica variando entre 3a.11m. a 5a.11m. e suas mães, e cinco crianças normais do mesmo sexo e faixa evolutiva equivalentes às das crianças com Síndrome de Down, e suas mães.

As crianças com Síndrome de Down (SD) foram emparelhadas com as crianças normais (CN) de acordo com a faixa evolutiva de cada uma, conforme mostra o Quadro 1.

### Situação de Observação

A coleta de dados foi realizada em um laboratório da Universidade Federal de São Carlos, que dispõe de duas salas conjugadas. Em uma das salas foi colocada a vídeo-câmara e na outra o monitor de VT, a pesquisadora e a auxiliar de pesquisa.

### Equipamento e Material

Um conjunto de vídeo-tape, protocolos para registro dos comportamentos filmados, fitas cassete gravadas com marcação de segundos e tempo de referência de 5 em 5 segundos, além de três tipos de brinquedo, foram os equipamentos e materiais utilizados para a coleta de dados dessa pesquisa. A mobília utilizada pelos sujeitos foi uma mesa em forma de trapézio e três cadeiras.

### Procedimento

Cada filmagem foi feita em situação de brincadeira estruturada. A seleção dos brinquedos oferecidos aos sujeitos, bem como o grau de estruturação das brincadeiras foram definidos a partir da composição da amostra. Dois tipos de atividades foram utilizados para cada sujeito: um jogo de dezesseis cubos coloridos de madeira para todos os sujeitos da amostra; um conjunto de móveis de boneca para os sujeitos do sexo feminino e uma miniatura de posto de gasolina com carrinhos, bombas e outras mini-peças em plástico, para os sujeitos do sexo masculino.

As mães foram orientadas a brincar livremente com seus filhos. Primeiramente

**Quadro 1 — Composição da amostra de sujeitos normais e com síndrome de Down, de acordo com o sexo, idade cronológica e idade mental.**

S. Down	Sexo	I. C.	I. M.	C.Normal	Sexo	I. C.
C1	F	4a.	30m.	C6	F	30m.
C2	M	3a11m.	20m.	C7	M	21m.
C3	F	4a.	22m.	C8	F	20m.
C4	F	4a3m.	18m.	C9	F	16m.
C5	F	5a11m.	13m.	C10	F	12m.

com os cubos e, após cinco minutos, cujo término era sinalizado pela pesquisadora, com os móveis de boneca, no caso dos sujeitos do sexo feminino e com o posto de gasolina, no caso dos sujeitos do sexo masculino.

A duração total das sessões foi de dez minutos e para cada díade foi realizada uma sessão.

Em cada sessão de gravação, a pesquisadora registrava em protocolo previamente elaborado os dados correspondentes a data, especificação do sujeito, grupo, idade e tempo de análise. Esta folha de registro continua também os espaços já delimitados para o registro da área OLHAR.

### Definição de Categorias

No presente estudo, o OLHAR foi entendido como o movimento ocular em direção a um ponto definido onde as pupilas se fixam. Quando as pupilas não estavam visíveis, a direção do olhar foi inferida a partir do movimento da cabeça. Neste caso, OLHAR foi entendido como um movimento de cabeça orientado para uma direção definida. Os tipos de interação ocorridos

entre os pares desta pesquisa foram identificados a partir de um sistema de registro que desmembrou esta área em dez categorias, segundo a direção do olhar de cada dupla:

1. Criança e mãe olham para o mesmo objeto (COMO =)
2. Criança e mãe olham para objetos diferentes (COMO ≠)
3. Criança olha para o objeto, enquanto mãe olha para o ambiente (COMA)
4. Criança olha para o objeto, enquanto mãe olha para a criança (COMC)
5. Criança e mãe se entreolham (CMMC)
6. Criança olha para a mãe, enquanto mãe olha para o objeto (CMMO)
7. Criança olha para a mãe, enquanto mãe olha para o ambiente (CMMA)
8. Criança e mãe olham para o ambiente (CAMA)
9. Criança olha para o ambiente, enquanto mãe olha para o objeto (CAMO)



Tabela 1 — Porcentagem de frequência de ocorrências das categorias comportamentais durante as situações I (CUBOS) e II (POSTO OU CASINHA).

Situação	Grupos	Categorias									
		COMO	COMO=	COMA	COMC	CMMC	CMMO	CMMA	CAMA	CAMO	CAMC
I CUBOS	CN	37,9	4,6	2,1	25,7	11,2	13,5	0,4	0,2	2,7	1,7
	SD	37,6	4,5	6,2	26,0	11,4	7,4	0,3	1,2	4,7	0,7
II POSTO OU CA- SINHA	CN	40,4	11,4	3,2	27,0	4,2	4,6	0,0	2,6	3,6	3,0
	SD	43,2	7,4	2,2	28,0	5,0	10,8	0,0	0,3	1,9	1,2

10. Criança olha para o ambiente, enquanto mãe olha para a criança (CAMC).

### Resultados

Os resultados serão apresentados em médias grupais (de CN e de SD) de desempenho na área estudada, durante a situação I (cubos) e a situação II (posto ou casinha), no que tange a frequência de categorias comportamentais encontradas; iniciativas de interação através do olhar e tempo para iniciar interação.

A Tabela 1 apresenta as porcentagens de frequência de ocorrência das categorias comportamentais durante as duas situações estudadas. As categorias que mais ocorreram para os dois grupos, tanto na situação I quanto na situação II, foram as que indicaram mãe e criança olhando para o mesmo objeto (COMO =) e criança olhando para o objeto enquanto mãe olhava para a criança (COMC). A categoria que indicava trocas de olhares entre mãe e filho foi mais frequente na situação I (cubos) do que na situação II (posto ou casinha). Nas categorias citadas não se observou grande diferença entre o desempenho do grupo CN e do grupo SD. As diferenças de frequência foram observadas mais entre uma situação e outra do que entre um grupo e outro. Mesmo na

categoria CMMC, que indica trocas de olhares, a diferença entre os dois grupos foi muito pequena. As diferenças inter-grupos foram mais visíveis em categorias que apontavam os elementos da díade dirigindo o olhar para objetos ou lugares diferentes (COMO ≠ e COMA). O caso do olhar para objetos diferentes (COMO ≠) ocorreu com uma diferença mais marcante durante a situação II (11,4% para o grupo CN e 7,4% para o grupo SD). O grupo de crianças normais foi o que mais mostrou esta tendência. Os dados obtidos através da Tabela 1, na categoria COMO ≠, corroborados com observações durante a situação de gravação, permite-nos afirmar que a situação II, principalmente o jogo de Casinha, prendeu mais a atenção das mães, fazendo com que estas também brincassem com os objetos disponíveis, independente da criança estar ou não interessada neles. Além disso, as mães das crianças normais parecem ter se sentido mais à vontade para brincar sem a participação dos filhos do que as mães das crianças com Síndrome de Down. Estes fatos certamente influíram no resultado de frequência obtido para esta categoria. Outro dado de interesse para essa análise foi o de frequência da categoria que indicava criança olhando para o objeto enquanto mãe olhava para o ambiente (COMA). A frequência desta categoria foi maior durante a situação I

(cubos) e para o grupo SD. Neste caso, as mães pareceram mais preocupadas com o ambiente externo do que as crianças. As mães do grupo SD manifestaram essa preocupação com maior intensidade. As mães buscaram com maior frequência a sala onde a pesquisadora estava. Próximo ao término dos cinco minutos iniciais, essa busca se intensificou para as mães dos dois grupos. Para a categoria indicativa de olhares da criança dirigidos para a mãe, enquanto esta olhava para o objeto (CMMO), houve diferença de desempenho nos dois grupos estudados, tanto na situação I quanto na situação II. Na situação I as porcentagens de frequência obtidas foram 13,5% para o grupo CN e 7,4% para o grupo SD. Na situação II foram de 4,6% para o grupo CN e 10,8% para o grupo SD. As categorias que indicavam a direção do olhar para o ambiente por um ou ambos os elementos da díade foram bem pouco frequentes.

Neste estudo foram também consideradas as frequências obtidas em iniciativas de interação dos grupos (CN e SD) respondidas e não respondidas. As categorias referentes aos vários focos de olhar dos membros das díades foram agrupadas segundo os critérios abaixo:

**INICIATIVAS BEM SUCEDIDAS CMMC:** Este item inclui a categoria que indica a criança e a mãe se entreolhando.

**INICIATIVAS MC:** Neste item foram incluídas as categorias que indicam a mãe

dirigindo o olhar para a criança, enquanto esta dirige seu olhar para outro local.

**INICIATIVAS CM:** Aqui se incluíram as categorias que indicam que a criança dirige seu olhar para a mãe, enquanto esta olha para outro local.

**OLHARES SEM INICIATIVAS DE INTERAÇÃO:** Incluem-se neste item as categorias que não evidenciaram qualquer modalidade de contato através do olhar.

A Tabela 2 expõe os dados obtidos com essa análise. Observando esses dados, pode-se concluir que não houve diferenças dignas de nota no desempenho entre os grupos CN e SD, a não ser na categoria que indica as iniciativas CM, que ocorreram nas duas situações propostas. Durante a situação I, as iniciativas de olhar da criança para a mãe ocorreram com maior frequência dentro do grupo CN (13,9% para 7,7% para o grupo SD) do que no SD. Já durante a situação II Este quadro praticamente se inverteu. O grupo CN emitiu menos sinais visuais para suas mães do que o grupo SD (46,0% do grupo CN para 10,8% para o grupo SD). É possível que esse dado esteja associado ao fato de as crianças normais possuírem um desempenho mais independente de suas mães, quando comparadas às crianças com Síndrome de Down (EMMEL, 1984).

Mais uma vez, constata-se que houve diferenças de desempenho dos grupos de uma situação para outra. A situação I propi-

**Tabela 2 — Porcentagens de frequência de iniciativas de interação através do olhar durante as situações I e II.**

Situação	Grupos	Bem sucedidas	Iniciativa	Iniciativa	S/Iniciativa
		CMMC	MC	CM	
I CUBOS	CN	11,2	27,4	13,9	47,5
	SD	11,4	26,7	7,7	54,2
II POSTO OU CASINHA	CN	4,2	30,0	4,6	61,2
	SD	5,0	29,2	10,8	55,0

Tabela 3 — Tempo (em seg.) para iniciar interação através do olhar.

Direção do olhar		MC	CM	CMMC
		Grupos		
CN		15,6s	21,8s	106,6s
SD		5,0s	57,6s	99,8s

ciou mais trocas de olhares entre mãe e filho (categoria CMMC) do que a situação II. Iniciativas de olhar de mãe para a criança ocorreram mais durante a brincadeira de casinha ou postinho do que durante a situação que envolveu cubos.

A Tabela 3 indica a média de tempo (em segundos) de cada grupo para iniciar interação através do olhar. Pode-se ver que as mães do grupo CN demoraram bem mais (15,6 s) do que as mães do grupo SD (5,0 s) para dirigirem o olhar para seus filhos. Os dados disponíveis de início de interação partindo da criança (CM) indicam que foi o grupo SD quem mais demorou para estabelecer o primeiro contato visual com suas mães (57,6 s para 21,8 s do grupo CN). O grupo SD demorou menos tempo (99,8 s) para estabelecer trocas de olhares entre mãe e filho (CMMC) do que o grupo CN (106,6 s). No entanto, esta modalidade comunicativa foi a mais demorada das três aqui analisadas, demonstrando que as trocas visuais mãe-criança demoraram mais a ocorrer do que aquelas iniciadas por um dos membros.

### Discussão e Conclusões

Os resultados desse estudo parecem mostrar que as mães do grupo SD manifestaram uma preocupação maior que as mães do grupo CN com relação ao desempenho de seus filhos. Como era esperado, pareceu também existir uma maior independência nas relações estabelecidas entre mãe e criança do grupo CN, com essas crianças dispensando mais a ajuda de suas mães do que as crianças do grupo SD. Além disso, durante a situação II (posto ou casinha), que

envolvia fantasia e imaginação, as crianças normais conseguiram uma atuação de extremo envolvimento na atividade, independente da aprovação e/ou necessidade de ajuda de suas mães. Vale considerar que esta envolveu ainda um certo grau de organização (para que a casinha ou o postinho se configurassem como tal) e a capacidade de imitação, dificultados nas crianças com Síndrome de Down. Estas, além de necessitarem mais ajuda das mães para elaborarem seus trabalhos, freqüentemente lhes dirigia o olhar, buscando aprovação. Estas observações e conclusões estão em consonância com vários trabalhos, dentre eles os de Cunningham e col. (1981) e o de Crawley e Spiker (1983), que mostraram que mães de crianças retardadas exercem mais controle sobre a brincadeira de seus filhos do que as mães de crianças normais.

Os dados que apontam essas conclusões são relativos à Tabela 2, nas categorias que indicam as iniciativas CM, ocorrendo com maior frequência nas crianças com Síndrome de Down e durante a situação II, que envolvia as habilidades acima descritas. No estudo sobre Tempo Para Iniciar Interação, estes dados são novamente indicativos da afirmação anteriormente traçada, quando se observa que o tempo para as mães das crianças com síndrome iniciarem interação através do olhar foi bem menor do que as mães das crianças normais. Esses dados, embora restritos, permitem supor que a preocupação das mães da criança deficiente é um fator que não deve ser ignorado. Estudos mais amplos sobre o tempo para iniciar interação entre mães e crianças de grupos

distintos, com uma amostra maior, e mesmo através de um estudo longitudinal, seriam de interesse no aprofundamento desta questão. Ainda, a partir desta investigação, pode-se estender a compreensão desta relação através de investigações sobre a latência de resposta de ambos os elementos da díade na interação através do olhar.

Um estudo dessa natureza ampliaria não só a compreensão deste fenômeno, como também propiciaria novas abordagens a respeito do tema.

Os dados obtidos permitem ainda antever que estudos acerca da natureza e do grau de envolvimento em diferentes atividades seriam de interesse para a comunidade científica, com ganhos imediatamente assimiláveis para todos os profissionais que dela fazem uso em sua prática profissional. Esta sugestão está associada a uma das conclusões deste estudo: a constatação de que a mudança de situação foi fator que determinou alterações de desempenho para os dois grupos. □

## ABSTRACT

---

The object of this investigation was to make a comparative study of the non-verbal interaction between mother and child with normal and Down Syndrome subjects. The communicate modality selected was the eye contact. Five normal and five Down Syndrome children with ages varying between 12 to 30 months composed the sample of subjects. The communicate signal of the dyads and the responsivity degree of the members were studied from two situations of structured play, composed by: a collection of wood cubes (situation I) and a collection of doll mobile for the female subjects and a miniature of a service station for the male subjects (situation II). The results showed a major performance independence by the normal group. The Down Syndrome group demanded not only a major number of aids from their mothers, but also he didn't play adequately in the situation II. The mothers of the Down Syndrome group established eye contact with their children more quickly than the normal group. Another important conclusion of this study was that the change of situation determined changes of the performance in the two groups.

## KEYWORDS

---

BEHAVIOR. CHILD PSYCHOLOGY. DOWN'S SYNDROME, psychology. COMPARATIVE STUDY

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BERGER, J. & CUNNINGHAM, C. C. The development of eye contact between mothers and normal versus Down Syndrome infants, *Developmental Psychology*, 1981, 17(5) 678-689.
- CRAWLEY, S. B., SPIKER, D. Mother — Child interactions involving two-years olds with Down Syndrome: a look at individual differences. *Child Development*, 1983, 54(5).
- CUNNINGHAM, C. E. e col. Behavioral and linguistic developments in the interactions of normal and retarded children with their mothers. *Child Development*, 1981, 52, 62-70.
- EMMEL, M. L. G. *Interação não-verbal: um estudo comparativo entre díades com crianças normais e com Síndrome de Down*. Dissertação de Mestrado. UFSCar, 1984.
- FIELD, T. e PAWLBY, S. Early face-to-face interactions of british and american working and middle-class mother - infant dyads. *Child Development*, 1980, 51(1) 250-253.
- RICHARDS, M. P. M. e BERNAL, J. F. Um estudo acerca da interação mãe-bebê utilizando o método de observação. In: JONES, N. B. *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*, S. Paulo, Liv. Ed. Pioneira, 1972.
- SCHAFFER, H. R. COLLINS, G. e PARSONS, G. *Vocal interchanges and visual regard in verbal and pre-verbal children*. Paper presented at the Soch Lomond Symposium, University of Strathclyde, September, 1975.
- SPITZ, R. A. *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo, Liv. Martins Fontes Ed., 1980.